

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA VIVA: ACERVO VIRTUAL DOS UIRAPURUS PARAENSES

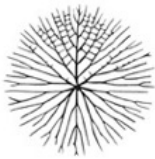
MAIA, Gilda Helena Gomes (PPGARTES/UFGPA)
COHEN, Liliam Barros (PPGARTES/UFGPA)

O presente trabalho é oriundo do projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Artes, que reflete sobre a atividade artística de Helena do Couto Nobre (1888-1965) e de Ulysses do Couto Nobre (1887-1953) que fazem parte da terceira geração da Família Nobre, a qual, assim como seus ancestrais e irmãos, seguiram a carreira musical, destacando-se na arte do canto lírico, interpretando, compondo, e também dando aulas particulares.

A Família Nobre é uma tradicional família de músicos paraenses, envolvidos tanto na execução instrumental e vocal, quanto na composição, arranjos e regência, e ainda na docência e pesquisa em música, que, até hoje, na sétima geração, ajuda a construir o cenário musical de Belém. Helena e Ulysses Nobre tiveram a oportunidade de subir ao palco com vários de seus parentes, em especial, juntos - dupla que até hoje é lembrada sob o título "Irmãos Nobre". Helena e Ulysses dividiram não apenas sua carreira, mas também os estigmas da hanseníase: mesmo curados, ficaram as sequelas; mesmo cantando, foram enclausurados em seu domicílio na Travessa Campos Sales, batizado pela sociedade paraense de "Gaiola Dourada", por guardar os "Uirapurus Paraenses". Helena recebeu o epíteto de "Rouxinol Paraense" e Ulysses ficou conhecido como "Titta Ruffo Paraense" e percorreram sua trajetória de vida cantando e fazendo música – período que abrangeu toda a primeira metade do século XX até meados da década de 1960. Suas performances foram muito comentadas nos jornais, revistas e no rádio – Rádio Club do Pará/PRC-5 – de sua época, permanecendo na memória dos que tiveram a oportunidade de conhecê-los e de assistir a seus recitais.

Buscando a trajetória dos irmãos cantores e de sua Família, busca-se evidências de sua existência, que ficaram registrados em fontes históricas: documentais, na memória familiar e em sua produção intelectual. Segundo a historiadora Vavy Pacheco Borges (2006), os vestígios de uma vida podem ser encontrados: na memória ou tradição oral familiar; em memórias, autobiografias, correspondência (ativa e passiva), diários; nas entrevistas na mídia (orais e escritas); nos chamados objetos da cultura material – fotos, objetos pessoais, biblioteca etc. – que alguns chamam de "teatro da memória".

Nesta investigação, foi observado que grande parte de plateia, que assistia às apresentações da Família Nobre (até a sua quarta geração), já deixou saudades.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Também, foi verificado que os registros da existência dessa família encontram-se em vários acervos públicos e privados da cidade de Belém, em sua maioria, inacessíveis ao público, dificultando, assim, que a história de seus membros seja conhecida.

Deste modo, o presente texto objetiva comunicar o projeto que vem sendo desenvolvido no âmbito de tese de doutorado, intitulado “Uirapurus Paraenses: atuações artísticas de Helena Nobre e Ulysses Nobre” –, que apresenta como proposta reunir as informações sobre a Família Nobre, mais especificadamente tendo como personagens centrais Helena e Ulysses Nobre, construindo um acervo virtual, através da digitalização e catalogação das fontes encontradas, objetivando a preservação de sua identidade, de sua ação e de sua memória. Para fins desse artigo será focado na parte teórica que vai justificar a importância dessa ação de preservação.

Metodologia

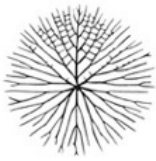
Para fins deste trabalho, será adotada como metodologia a revisão bibliográfica sobre a Família Nobre, uma revisão dos conceitos de patrimônio cultural, memória e identidade; memória viva; e preservação da memória, de modo a justificar a iniciativa do agrupamento virtual do acervo da Família Nobre, o qual facilitará a disponibilidade dessas informações à sociedade atual.

Resultados e discussão

Preservar, proteger, cuidar, respeitar ou conservar a memória de fatos e valores culturais, possibilita a compreensão de nossa memória social, artística e cultural, e a percepção do processo de transformação a que está inevitavelmente exposto o saber e o saber fazer de um povo.

Para que a memória continue sempre viva, deve-se instigar a ação pelo não esquecimento. O processo de preservação da memória ocorre através da informação, que conduz o homem ao entendimento do mundo em que está inserido e à conseqüente valorização de sua cultura. No momento em que a comunidade toma consciência de que é guardiã de seu próprio patrimônio, o direito à memória passa a ser garantido, impedindo a degradação do patrimônio cultural, numa salvaguarda preventiva (MAIA, 2003). “A melhor forma de preservar o patrimônio cultural é através do respeito e interesse do próprio povo em assegurar a proteção dos testemunhos de uma cultura, permitindo assim o exercício pleno da cidadania” (PARÁ, 2002, p. 30).

Uma das formas de exercer essa cidadania é requerendo o registro do patrimônio, de acordo com o IPHAN. Esse registro é para os bens culturais de natureza imaterial, por meios técnicos adequados, a fim de tornar o conhecimento acessível ao público. É nesta hora que o poder público toma para si uma responsabilidade de preservação que também lhe cabe.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Compreendendo o conceito de Memória Viva como sendo o ato de preservar o patrimônio de uma maneira, que ele (o patrimônio) possa fazer parte do cotidiano das pessoas, que possa vir das pessoas e voltar para elas, verifica-se que, não valorizar esse patrimônio, não preservá-lo ou registrá-lo, significa não poder apresentá-lo a mais ninguém; significa não compreender que nossa identidade cultural é parte do que deve ser preservado. É nesta perspectiva que se pretende reunir, mesmo que virtualmente, o acervo da Família Nobre, aproximando sua história da sociedade paraense atual. Busca-se com essa iniciativa a possibilidade de se visitar um passado, preservando sua memória, objetivando compreender o presente e disponibilizar este conhecimento a futuras gerações.

O acervo da Família Nobre é composto pelo conjunto de várias categorias documentais de bens materiais, tais como: fotos, objetos pessoais, telas, correspondências, recortes de jornais, partituras, programas de concertos, diários, poesias e prédio residencial. E possui sua história na relação de pessoas que o organizaram, além de todo um simbolismo que o rodeia, impossibilitando que sejam separadas suas partes material e imaterial. Atualmente este acervo é encontrado em diversos locais. As partes de seu todo material estão em diferentes casas e instituições, públicas e particulares, em sua maioria inacessíveis à comunidade de pesquisador e/ou visitante. Deste modo, podemos dizer poeticamente que sua aura imaterial está enfraquecida, e sem cuidados específicos que salvaguarde tais objetos, o que leva a ocorrer muitas vezes, o comprometimento ou a perda de vários de seus itens.

Segundo Furet (*apud*. Le Goff, 1974). “O documento, o dado já não existem por si próprios, mas em relação com a série que os precede e os segue, é o seu valor *relativo* que se torna objetivo e não a sua relação com uma inapreensível substância real” (FURET, 1974 *apud* LE GOFF, 2016, p. 491). Neste sentido, a busca em reunir acervo em um mesmo lugar em um espaço virtual na internet pretende recuperar e fortalecer a aura deste acervo, sua integridade e promovendo a relação do presente com a memória. Uma vez que tais objetos já são percebidos como “lugar de memória”, a ideia de reuni-los em um espaço, seja ele virtual ou físico, potencializa a compreensão desses objetos como portadores de memória, história e identidade; capazes de falar sobre Helena e Ulysses Nobre. Disponibilizando esta parte da história paraense, pretende-se possibilitar que a sociedade veja, dialogue e se reconheça nesta história, observando as transformações sociais ocorridas até então e fomentando novas pesquisas e investigações sobre a época e lugar dos Irmãos Nobre. Nesta perspectiva, cabe dizer que ao manter a memória da Família Nobre viva, se preserva também, parte da memória do cenário musical paraense.

Conclusões

A discussão sobre memória, restrita ao meio acadêmico e profissional, precisa alcançar a população que está fora dessa discussão. Não se justifica discutir, selecionar e divulgar o patrimônio cultural, se este não é reconhecido por sua comunidade. Fato é



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

que pesquisar a história de vida, formação e atuação da Família Nobre, sem buscar aproximar esta pesquisa da comunidade paraense, não alcançará a primazia da preservação de sua memória, nem a potencialidade da obra pelos irmãos deixada. Por isso, construir o acervo virtual da Família Nobre, disponibilizando a aura dos membros desta família à sociedade como um todo, é contribuir para a informação dessa sociedade sobre seu patrimônio, é fortalecer a identidade deste grupo, é instigar seu engajamento na ação de conservação e divulgação dessa memória para gerações futuras, enfim, é promover a preservação da memória viva dos personagens de uma determinada época e lugar.

Palavras-Chave: Família Nobre. Fontes Históricas. Acervo virtual. Memória viva.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.] 4. ed. Campinas - SP: editora UNICAMP, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.] 7. ed. Campinas - SP: editora UNICAMP, 2016.
- MAIA, Felícia Assmar. **Direito à Memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico**. Belém: UNAMA, Revista Movendo Idéias, Belém, vol. 8, n. 13, p. 39-42, jun. 2003.
- PARÁ. **Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural**. Belém, 2002. (Série Informar para Preservar)
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. In. **Estudos Históricos**. 1989/3. São Paulo. Cpdoc/FGV.